



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Circuito Fotolata: O uso da fotografia pinhole como ferramenta de ensino e formação sensível do olhar¹

Ádon Bicalho²
Universidade de Brasília

O presente trabalho apresenta o relato da experiência do *Circuito Fotolata em Planaltina*, projeto que promoveu ações formativas em fotografia artesanal e experimentação sensível da imagem junto a escolas públicas de Planaltina – DF. A atividade integrou práticas fotográficas a partir do uso da câmera pinhole — dispositivo óptico que forma imagens através de um pequeno orifício, sem o uso de lentes — e do *trailer-laboratório* do projeto *Fotolata – Arte e Ciência*, que funciona como uma câmera fotográfica gigante e laboratório móvel de revelação. Participaram estudantes, professores e público externo, em oficinas realizadas em três escolas de Planaltina, culminando em uma exposição coletiva aberta à comunidade. A proposta destacou-se por seu caráter interdisciplinar e por propor uma educação do olhar atenta ao entorno, baseada em um tempo expandido da imagem — um contraponto poético e reflexivo à aceleração das imagens digitais contemporâneas.

O projeto *Circuito Fotolata em Planaltina*³, realizado em abril de 2024, possibilitou a alunos e professores da rede de escolas públicas, além da comunidade, a participação em uma vivência na técnica conhecida como fotografia *pinhole*, ou *estenopeica*. Foram contemplados pelo projeto 557 participantes, entre estudantes e professores do Ensino Médio e Fundamental, além de público externo⁴, nas escolas CEM 01, CEM 02 e CED Stella de Planaltina.

A iniciativa surgiu da intenção de explorar a fotografia como linguagem educativa e sensível, capaz de articular arte, ciência e experiência estética em um

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia e Educação”.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UnB, e-mail: adonbicalho@gmail.com

³ Projeto financiado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

⁴ Público espontâneo da comunidade, participante das oficinas aos sábados.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



mesmo processo formativo. A partir da técnica *pinhole*, a atividade propôs uma aproximação entre fenômenos físicos e expressões simbólicas, entre o domínio técnico e a experiência perceptiva em um tempo que se difere do tempo de criação e permanência das imagens digitais nos dias de hoje.

A prática da fotografia artesanal se diferencia da produção imagética contemporânea por reintroduzir o tempo, o corpo e o gesto no ato fotográfico. Flusser (2002) aponta como o gesto fotográfico contemporâneo tornou-se amplamente automatizado: a câmera, enquanto aparelho programado, conduz o fotógrafo a uma relação mecânica com a imagem. Dessa forma, a fotografia *pinhole* é utilizada como ferramenta para subverter essa lógica, uma vez que reinsere o corpo e o pensamento no processo criativo e convida o participante a refletir sobre o próprio gesto de fotografar, redescobrendo a dimensão poética e experimental da fotografia à serviço da representação do seu universo particular.

Como lembra Jacques Aumont (1993), a imagem é também uma forma de pensamento, um modo de “ver e compreender o mundo” que ultrapassa o olhar meramente informativo. Nesse sentido, a fotografia artesanal torna-se um espaço de reflexão desacelerada sobre o próprio ato de ver, estimulando a percepção e a sensibilidade estética dos participantes.

As oficinas foram estruturadas com duração de duas horas, com proposta teórico-prática, divididas em três etapas teóricas antecedendo a prática fotográfica e revelação da imagem. Na primeira etapa, os participantes foram apresentados a uma *camera obscura* e ao conceito da propagação da luz no seu interior, com a formação da imagem invertida. Em um segundo momento, utilizando o trailer-laboratório como *camera obscura*, os participantes puderam acompanhar o processo de formação e captura de uma imagem desde a projeção da luz até a revelação da imagem latente em imagem visível no papel fotográfico com emulsão de prata, com auxílio dos químicos fotográficos. Em uma terceira etapa, os participantes foram apresentados à câmera *pinhole* de lata e ao seu funcionamento, visando a prática fotográfica



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



individual. A opção por garantir um percurso de aprendizagem lúdico, onde os temas foram abordados a partir da percepção dos participantes, buscou tornar visíveis os princípios da percepção e da representação, aproximando o aprendizado da experiência direta.

Depois da etapa de demonstrações e a partir da compreensão e apropriação dos fundamentos físicos e químicos envolvidos na formação da imagem dentro de uma simples lata furada, cada participante produziu uma imagem autoral em papel fotográfico preto e branco. O processo exigiu planejamento, escolha do enquadramento e controle do tempo de exposição — promovendo uma desaceleração do gesto fotográfico e a observação atenta do entorno, explorando as potencialidades e limitações da câmera de orifício. Flusser (2008) observa que o fotógrafo não apenas opera o aparelho, mas brinca com ele, busca suas potencialidades e explora o gesto como invenção.

As fotografias realizadas durante a atividade foram reveladas dentro do trailer, sob luz vermelha, transformando o instante da revelação em momento de descoberta e diálogo, com esclarecimento de dúvidas e avaliação dos resultados obtidos a cada foto revelada. As conversas finais ampliaram a leitura das imagens para dimensões narrativas e simbólicas, conectando experiência, linguagem e território. Mais do que uma simples experiência de aprendizado, o momento da revelação das fotografias produzidas, sob a luz vermelha, é sempre um momento de surpresa e admiração. Uma espécie de resgate momentâneo do que Benjamin (1994) definiu como *aura*⁵. A fotografia *pinhole*, desta forma, devolve ao gesto fotográfico um sentido de unicidade e descoberta, pois cada imagem é fruto de um encontro irrepetível entre luz, tempo e matéria.

A experiência evidenciou o potencial da fotografia *pinhole* como prática educativa interdisciplinar. Professores e alunos relataram encantamento com a

⁵ Benjamin define *aura* como a dimensão de presença e singularidade da imagem, que passa a se perder a partir do avanço da reprodutibilidade técnica com o advento da era moderna.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



simplicidade do processo e com a possibilidade de compreender a fotografia como fenômeno físico e químico (formação da imagem, prisma de cores da luz, reação química e fotossensibilidade), porém as discussões acabaram transbordando para matemática (ângulos e distâncias, positivo e negativo), história (da fotografia, da cidade de Planaltina) e outras disciplinas e temas apresentados na grade curricular dos alunos.

A vivência prática da câmera artesanal promoveu uma reeducação do olhar: ao desacelerar o tempo da imagem e restituir o gesto da espera, os participantes experimentaram uma nova relação com o ato de ver e representar o mundo. Um dos participantes, Igor da Silva Dias, de 18 anos, estudante do CED Stella, expressou essa dimensão sensorial ao afirmar: *“O ser humano vê uma foto que ele fez, de alguma coisa que ele tirou a foto, ele vê aquela imagem, ele sente o cheiro e escuta o que estava no lugar”*. Esse depoimento revela a potência da fotografia artesanal como forma de reativar a memória sensível e a percepção sinestésica da experiência. O gesto fotográfico, nesse caso, ultrapassa o registro visual e se torna um modo de habitar o mundo, de reconstituir o tempo e o espaço a partir do olhar.

Como observam Goveia (2005) e Villar (2008), a fotografia *pinhole* é também uma experiência de subjetividade — uma forma de “ver com as próprias mãos”, em que o olhar se constrói pelo fazer. Ao incorporar essa prática ao contexto escolar, o *Circuito Fotolata* possibilitou que os participantes reconhecessem seu entorno como espaço de criação e reflexão. As imagens produzidas durante as oficinas passaram a compor uma galeria virtual e uma exposição no Complexo Cultural de Planaltina, aberta à comunidade, e exposições subsequentes nas escolas contempladas pelo projeto. Em uma representação coletiva do cotidiano escolar foram retratados casais, grupos de amigos, pessoas em poses inusitadas, objetos do cotidiano escolar, além de paisagens e lugares de socialização dentro da escola. Nesse sentido, as imagens resultantes situam-se entre o documento e a expressão artística, articulando uma leitura crítica e poética do real. As exposições realizadas nas escolas e no Complexo



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Cultural de Planaltina promoveram a circulação simbólica dessas imagens, fortalecendo o vínculo entre arte, educação e comunidade.

A realização do projeto também evidenciou desafios, como o tempo reduzido das oficinas em relação ao interesse despertado, e a necessidade de ampliar a formação de multiplicadores nas escolas, seja por parte dos alunos ou professores. Essas observações apontam para a importância de políticas continuadas de arte-educação e para a possibilidade de institucionalização de parcerias entre iniciativas culturais financiadas por editais públicos e projetos de extensão universitária.

A técnica *pinhole*, ao propor um retorno à simplicidade óptica e à experiência direta da luz, reintroduz um tempo de criação que se opõe à velocidade da produção imagética digital, recuperando o sentido da contemplação e da descoberta.

Inspirado nas reflexões de Sennett (2009), o projeto parte da noção de que o fazer artesanal é também uma forma de pensar. A técnica *pinhole*, ao demandar tempo, atenção e experimentação, ativa um tipo de conhecimento incorporado: o *saber da mão*, que contribui para a educação sensível do olhar e para a formação estética dos participantes. Mais do que ensinar uma técnica, a experiência possibilitou a construção de um modo de ver: um olhar atento ao entorno, às relações entre corpo, espaço e imagem. Nesse processo, arte e ciência se entrelaçaram em uma pedagogia da luz: uma prática que convida à experimentação, ao pensamento crítico e à sensibilidade.

O êxito alcançado com o projeto demonstra o potencial e importância das políticas públicas de fomento à cultura, como o FAC/DF, para fomentar práticas educativas transformadoras, e aponta para a relevância da articulação futura entre iniciativas culturais e extensão universitária, reafirmando o papel da arte como instrumento de reflexão e transformação social.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



PALAVRAS-CHAVE: Fotografia pinhole; Fotografia artesanal; Educação do olhar; Cultura digital; Laboratório fotográfico;

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Pequena História da Fotografia*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas, v. 1, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GOVEIA, Fábio. *A subjetividade na fotografia pinhole*. 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1753-1.pdf>. Acesso em: 12/01/11.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VILLAR, Maria Helena Saburido. *A fotografia estenopeica revisitada: desconstrução da homologia tradicional através das dimensões socioculturais da tecnologia*. 2008. 249 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.